

CIÊNCIA E VOCAÇÃO: BAUMAN UM SÉCULO DEPOIS DE WEBER

SCIENCE AND VOCATION: BAUMAN A CENTURY AFTER WEBER

*Amélia de Jesus Oliveira¹
Sandro de Cássio Dutra²*

Resumo: Não é recente a reflexão sobre as implicações do conhecimento científico na história da modernidade. No século XX, contudo, essa reflexão se ampliou, não somente no sentido de compreender as expectativas e aspirações da vida humana frente à moderna ciência, mas principalmente de discernir e enfrentar os desafios postos pelas novas tecnologias. Uma questão expressiva, explorada por alguns pensadores diz respeito à disposição que guia uma pessoa para uma ocupação ou atividade. Neste trabalho, discutimos essa questão a partir das ideias de dois pensadores, Weber e Bauman, que, separados por quase um século, propiciam ocasião para pensar nossa condição contemporânea.

Palavras-chave: Vocação profissional. Especialização. Weber. Bauman.

Abstract: The reflection on the implications of scientific knowledge in the history of modernity is not recent. However, in the 20th century, this reflection was broadened, not only to understand the expectations and aspirations of human life in the face of modern science, but mainly to discern and face the challenges posed by new technologies. An significant question, explored by some scholars, refers to the disposition that guides a person to an occupation or activity. In this paper, we discuss this issue based on the ideas of two scholars, Weber and Bauman, who, separated by almost a century, provide an opportunity to reflect on our contemporary condition.

Keywords: Professional vocation. Specialization. Weber. Bauman.

Introdução

Foi há mais de cem anos que o sociólogo Max Weber (1864-1920) pronunciou a conferência “A ciência como vocação”, que, depois de publicada (originalmente em 1919), se tornou uma importante fonte de debate sobre diversos aspectos da sociedade, sobretudo no que se refere ao papel da ciência no mundo moderno. É sabido que a conferência foi realizada a pedido de estudantes que almejavam orientações em questões profissionais. Se a visão de Weber ali explicitada apresentava um diagnóstico da situação atual dos estudantes na Alemanha em comparação àquela da sociedade americana, ela também possibilitou a reflexão sobre diversos aspectos do desenvolvimento da ciência na

¹ Doutora em Filosofia pela UNICAMP. Professora da Faculdade João Paulo II (FAJOPA). E-mail: amelijeso@gmail.com

² Pós-doutorando pelo Departamento de Letras Modernas, UNESP-Assis/SP. E-mail: sacadu.dutra@gmail.com

civilização ocidental. De lá para cá, pensadores têm discutido esses aspectos de modo a evidenciar ou questionar a propriedade e atualidade nela presentes.

Passado mais de um século, com a devida consideração sobre o valor de relevância histórica de sua visão, podemos indagar em que medida a conferência de Weber pode ter uma relevância teórica para os estudantes de hoje no sentido de possibilitar a compreensão de seus desafios e possibilidades enquanto tais. E o faremos a partir de considerações de um outro sociólogo, Zygmunt Bauman (1925-2017), intérprete de Weber e um dos pensadores mais conhecidos na contemporaneidade, que tentou fornecer orientações aos jovens de hoje.

No que segue, apresentamos algumas colocações de Weber em “A ciência como vocação”, no que diz respeito à formação e profissionalização no mundo moderno, com seus desafios inevitáveis advindos com o desenvolvimento científico, tal como ele as concebeu no início do século XX.

Max Weber: vocação em um mundo desencantado

No momento em que Weber está explanando seus apontamentos junto aos estudantes alemães, em sua conferência, “A ciência como vocação”, o contexto referente às condições da profissão acadêmica em seu país caracterizava-se pelo aspecto elitista, arbitrário e restritivo. O estudante que não fosse abonado por recursos financeiros próprios, arriscava-se a estar fadado à exclusão científica e universitária. Influência notável também decorria da questão política, principalmente nos países com regimes autocráticos em que seus governantes é que nomeavam os cientistas e acadêmicos, optando, geralmente, pelos medíocres e oportunistas.

O estudante entusiasmado com a ciência deveria ter em mente um outro desafio, o de que desempenhar a função de cientista seria assumir concomitantemente a condição de professor. Esta última atribuição possuía seus embustes, pois, na maioria das vezes, o profissional era avaliado pela quantidade de alunos que arrebanhava e por quantos era honrado. Se assim não ocorresse, qualquer sucesso era incerto, mesmo que se tratasse de um célebre cientista.

A questão mais provocadora posta por Weber aos estudantes alemães talvez seja a seguinte: “Você se acredita capaz de ver, sem desespero nem amargor, ano após ano, passar à sua frente mediocridade após mediocridade?” (WEBER, 2016, p. 26). E ele reconhece o desafio contemporâneo daquele que esboça uma resposta, dizendo “Por certo

que sim, vivo apenas para minha ‘vocação’”. Sua análise reconhece uma situação completamente nova, ao mesmo tempo que prognostica os rumos da formação científica. Diz Weber (2016, p. 26):

a ciência atingiu um estágio de especialização que ela outrora não conhecia e no qual, ao que nos é dado julgar, se manterá para sempre. A afirmação tem sentido não apenas em relação às condições externas do trabalho científico, mas também em relação às disposições interiores do próprio cientista, pois jamais um indivíduo poderá ter a certeza de alcançar qualquer coisa de valor verdadeiro no domínio da ciência, sem possuir uma rigorosa especialização.

É enganosa a concepção de que a estatística pudesse dar respostas a questionamentos por meio de seus cálculos frios e não mais com toda a “alma”, apontava Weber. A paixão continuava a ser o motor propulsor do prazer de se realizar algo, pelo ser humano. No entanto, na ciência, só a paixão seria insuficiente, pois estaria submetida à inspiração. O pensador alemão alertava que a inspiração não surgia em cabeças de cientistas bem-aventurados, mas sim era resultado de grande esforço, de trabalho intenso. Dessa forma, pode-se concluir que a paixão somada ao trabalho resultaria na inspiração? Nem sempre, volta a clamar Weber, porque não se trata de uma fórmula exata. A inspiração tem vida própria e não sabemos quando manifestará. É um acaso. Mas um “acaso” que só poderá se manifestar naquelas pessoas que refletiram e pesquisaram intensamente acerca de um determinado problema para o qual, com veneração apaixonada, buscavam uma resposta.

Assim, um século atrás, o conselho weberiano, para todo aquele que almejasse fazer algo de “definitivo”, que fosse durar, extrapolava a concepção de que bastaria ter “paixão”, um pré-requisito para aquilo que – diz Weber – “é decisivo: a inspiração”. Os tempos modernos trouxeram a exigência de se pôr antolhos e focar sobre um tema cada vez mais circunscrito. Diz ele: “Em nosso tempo, obra verdadeiramente definitiva e importante é sempre obra de especialista” (WEBER, 2016, p. 27). E a especialização, ele previa, tendia ser cada vez mais rigorosa e se firmou como uma consequência inevitável do progresso do conhecimento.

Weber (2016, p. 34) lembra que o progresso da ciência constitui uma parte, certamente a mais importante, do processo de intelectualização a que estamos submetidos há milênios e frente a qual se adotava (em sua época) uma postura “estranhamente

negativa”³. Em sua fala, ele convida seus ouvintes a buscar compreender o que chama de “racionalização intelectualista” oriundas do progresso da ciência e da técnica. E indaga: “Significa, porventura, que hoje cada um dos que estão nesta sala tem um conhecimento das suas próprias condições de vida mais amplo do que um índio ou um hotentote?” Sua resposta é negativa, no sentido de que a intelectualização e racionalização podem simplesmente propiciar a perspectiva de que, em princípio, não existem conhecimentos ocultos e inacessíveis à nossa volta. Contudo, isso não apresenta, em absoluto, um ganho de conteúdo de conhecimento maior acerca das nossas condições de vida.

O progresso da ciência gera, assim, um paradoxo: se por um lado, no plano coletivo, o avanço do conhecimento pode, em princípio, gerar a possibilidade de conhecimento de mais coisas no mundo; na individualidade, gera um conhecimento cada vez mais circunscrito, dado que, se alguém quer conhecer, de fato, algo, deve afunilar seu campo de investigação, em virtude de todo o conhecimento existente sobre.

A racionalização gera “desencantamento do mundo”⁴. Para Weber (2016, p. 62), diferentemente do selvagem que apelava a meios mágicos para dominar os espíritos, o homem moderno recorre à técnica e à previsão. E essa expulsão da magia no mundo coloca em xeque qualquer sentido para o fazer científico que transcenda a prática e a técnica. Por que se dedicar a uma atividade cujo resultado tende inexoravelmente a ser ultrapassado? Essa é uma questão discutida por Weber (2016, p. 32-33):

Qual é, em verdade, o destino ou, melhor, a significação, em sentido muito especial, de que está revestido todo trabalho científico, tal como, aliás, todos os outros elementos da civilização sujeitos à mesma lei? É o de que toda obra científica “acabada” não tem outro sentido senão o de fazer surgirem novas “indagações”: ela pede, portanto, que seja “ultrapassada” e envelheça. Quem pretenda servir à ciência deve resignar-se a tal destino. É indubitável que trabalhos científicos podem conservar importância duradoura, a título de “fruição”, em virtude de qualidade estética ou como instrumento pedagógico de iniciação à pesquisa. Repito, entretanto, que na esfera da ciência, não só nosso destino, mas também nosso objetivo é o de nos vermos, um dia, ultrapassados. Não nos é possível concluir um trabalho sem esperar, ao mesmo tempo, que outros avancem ainda mais. E, em princípio, esse progresso se prolongará ao infinito.

³ A introdução de Paolo Rossi ao livro *A ciência e a filosofia dos modernos*, que tem o sugestivo título “O processo de Galileu no século XX” contém uma discussão da visão negativa de diversos pensadores de fins do século XIX e início do século XX em relação ao progresso científico. Weber é um deles.

⁴ Para Claus Offe, as expressões “processos de modernização”, de “racionalização” ou de “desencantamento do mundo” podem quase sempre ser substituídas uma pela outra (ver Debate, 1990, p. 233). Restringimo-nos aqui apenas às considerações weberianas expressas em sua conferência. Para uma análise mais detalhada sobre o “desencantamento do mundo”, ver, por exemplo, Wolfgang Schluchter (2014).

Qual é o sentido do cultivo de algo que não chegará a um termo? Weber menciona a questão de Tolstói acerca da existência de um sentido para a morte, explicitando que a resposta do escritor russo é a de que para o homem civilizado, não haveria um sentido. Uma vez que o progresso remete ao infinito, e a vida transcorre na possibilidade do constante e infindo progresso, a vida não poderia acabar. Diferentemente de Abraão ou outros camponeses antigos, que morreram saciados da vida, uma vez que não anteviam o que mais decifrar, e que, portanto, sentiam-se satisfeitos em suas existências, o homem moderno pode se sentir cansado da vida, mas não mais pleno dela. Ele vivencia o âmbito do efêmero e não pode atingir o absoluto. E se a morte não tem um sentido, a vida também não teria, “pois a ‘progressividade’ despojada de significação faz da vida um acontecimento igualmente sem significação.” (WEBER, 2016, p. 36).

Face a essa perspectiva, a questão que se impõe, segundo Weber é: “Tem o “progresso”, como tal, um sentido discernível, que se estende para além da técnica, de maneira tal que pôr-se a seu serviço equivaleria a uma vocação penetrada de sentido?” Como angariar sentido em uma busca que parece interminável? Como extrapolar o sentido de um conhecimento científico que transcenda a praticidade cotidiana?

Weber não se atenta somente à busca de um sentido da ciência como vocação para um indivíduo, mas ao sentido da ciência no mundo moderno, apontando uma mudança muito grande entre o passado e o presente de então. Em retrospectiva histórica, ele menciona diversas visões sobre o sentido que a ciência já teve na civilização – caminho para o verdadeiro ser, para a verdadeira arte, para Deus, para a felicidade – e delibera que em seu tempo já não era mais possível angariar uma função desse tipo. A seu ver, a ciência

é, atualmente, uma “vocação” alicerçada na *especialização* e posta ao serviço de uma tomada de consciência de nós mesmos e do conhecimento das relações objetivas. A ciência não é produto de revelações, nem é graça que um profeta ou um visionário houvesse recebido para assegurar a salvação das almas; não é também porção integrante da meditação de sábios e filósofos que se dedicam a refletir sobre o *sentido* do mundo. Tal é o dado inelutável de nossa situação histórica, a que não poderemos escapar se desejarmos permanecer fiéis a nós mesmos. (WEBER, 2016,p. 58)

O processo de racionalização que propiciou o desencantamento do mundo fez com que os homens banissem da vida pública valores antes supremos. É somente na vida mística ou nas relações recíprocas de fraternidade entre indivíduos isolados que se pode angariar valores supremos e mais sublimes. De resto, o ser humano experimenta o desafio

de cumprir as novas exigências postas em sua vida pública e em sua formação profissional, um desafio que, sustenta Weber, não é nem simples e nem fácil. Em qualquer âmbito de atividade, o homem moderno, se almejar ter uma “personalidade”, deve-se colocar “*ao serviço de uma causa*” (WEBER, 2016, p. 31), com paixão e dedicação.

Zygmunt Bauman: vocação em tempos líquidos

Muitos aspectos da vida moderna, discutidos na análise de Weber, em sua conferência de 1917, foram retomados por seus sucessores. Zygmunt Bauman, um dos mais proeminentes pensadores da contemporaneidade, explicita as mudanças ocorridas nas últimas décadas que nos impõem desafios inéditos. Poder-se-ia argumentar que novos tempos sempre impõem novos desafios. Contudo, segundo Bauman, os desafios de seu tempo já não são oriundos simplesmente da passagem de um estágio para outro, de modo a exibir uma duração, como teria ocorrido na passagem da Idade Média para a Modernidade. Os desafios são sem precedentes porque se apresentam não somente em tempos novos, mas em tempos líquidos.

“Líquido” foi o adjetivo que o sociólogo polonês escolheu para designar metaforicamente o caráter da vida humana em uma época em que “instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades ‘auto-evidentes’” (BAUMAN, 2004a, p. 322). A expressão foi utilizada pela primeira vez em 2000, quando Bauman publicou *Modernidade Líquida*, explicando porque a designação é melhor do que qualquer outra (como “pós-modernidade”, por exemplo) para compreender o atual momento. Aí ele distingue líquidos e gases dos sólidos, apresentando uma definição científica desses termos, com base na Enciclopédia Britânica. E explica: os “fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’[...] não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho” (BAUMAN, 2001, p. 8). Depois de *A modernidade líquida*, vieram *Amor líquido* (2003 [2004b]), *Vida líquida* (2005 [2007a]), *Medo líquido* (2006 [2008a]), *Tempos líquidos* (2006 [2007b])⁵.

A liquidez da vida tem sido crescente, segundo Bauman, que morreu aos 91 anos, em 2017, e escreveu sobre ela como alguém que sofreu e detectou nuances dessa

⁵ As datas indicadas dessas obras são as de publicação original; as que aparecem em colchetes são as de edição em língua portuguesa.

mudança. A seu ver, desde o início, a sociedade moderna consistiu em rupturas de padrões estabelecidos, quando novos padrões foram postos e aceitos. O que é absolutamente novo, em tempos atuais, é a tendência recorrente de quebras, sem duração, de valores e tradições. A sociedade do início do século XXI não é, segundo Bauman (2001, p. 36), “menos moderna” do que a que inaugurou o século XX. É moderna como era, há um século, no sentido de que se diferencia de todas as outras formas de convivência humana existentes anteriormente, por ter como característica essencial o desmantelamento de tudo que é criado, com vistas a repetir o processo de destruição incessantemente, sempre em nome da produtividade ou concorrência.

Se a modernidade possibilitou aos homens se virem emancipados da crença na criação e revelação divina, da condenação eterna, isso fez também com que passassem a viver por sua própria conta, sem visualizar e esperar melhoras para além de seus dons e determinação. Assim,

se ficam doentes, supõe-se que foi porque não foram suficientemente decididos e industriais para seguir seus tratamentos; se ficam desempregados, foi porque não aprenderam a passar por uma entrevista, ou porque não se esforçaram o suficiente para encontrar trabalho ou porque são, pura e simplesmente, avessos ao trabalho; se não estão seguros sobre as perspectivas de carreira e se agoniam sobre o futuro, é porque não são suficientemente bons em fazer amigos e influenciar pessoas e deixaram de aprender e dominar, como deveriam, as artes da auto-expressão e da impressão que causam (BAUMAN, 2001, p. 43).

Bauman (2001, p. 46)⁶ assinala, lembrando Tocqueville, que a libertação das pessoas pode torná-las indiferentes, já que o “indivíduo é o pior inimigo do cidadão”. O homem, enquanto cidadão, é disposto a esforçar-se pelo seu bem-estar por meio da promoção do bem-estar da cidade; enquanto indivíduo, “tende a ser morno, cético ou prudente” em relação a uma causa ou a um bem comum. Afinal, qual seria o sentido de falar em interesses comuns, se o que cada indivíduo procura é a satisfação de seu próprio interesse?

Na sociedade líquida, a individualização propicia uma contradição: ao mesmo tempo que o indivíduo experimenta uma liberdade sem precedentes ele tem de encarar as consequências também inusitadas. Segundo Bauman (2001, p. 47) há um abismo “entre o direito à autoafirmação e a capacidade de controlar as situações sociais que podem

⁶ A mesma argumentação está em Bauman (2009, p. 66).

tornar essa autoafirmação [...] factível ou irrealista”. Lidar com essa contradição é tentativa que deve ser empreendida coletivamente, com crítica e coragem.

Toda a carga, antes estatal de proteção ao cidadão tem sido transferida ao indivíduo. Ele que se entenda com o seu patrão, que viabilize um plano de saúde, um plano de aposentadoria... enfim. Se bem ou malsucedido, tudo dependerá de seu empenho. Nesse cenário, de busca de autoafirmação do sujeito, do de cada um por si, não existe colaboração e solidariedade, mas competitividade e disputa.

Bauman (2001, p. 21) comenta sobre o empreendimento de Rockefeller que construiu fábricas, estradas de ferro e torres de petróleo altas e volumosas e sobre seu suposto desejo de que elas durassem para sempre em comparação com Bill Gates que abandona posses recém conquistadas. E conclui:

Numa notável reversão da tradição milenar, são os grandes e poderosos que evitam o durável e desejam o transitório, enquanto os da base da pirâmide – contra todas as chances – lutam desesperadamente para fazer suas frágeis, mesquinhas e transitórias posses durarem mais tempo. Os dois se encontram hoje em dia principalmente nos lados opostos dos balcões das mega-liquidações ou de vendas de carros usados (BAUMAN, 2001, p. 21)

A luta constante diante da oferta crescente e do excesso de produção no mundo do consumo líquido produz instabilidade e insegurança já que o indivíduo vive com a consciência de que nunca terá o bastante e perde de vista a certeza da saciedade. É assim, diz Bauman (2001, p. 37), que ser

moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo ‘adiamento da satisfação’ como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação: o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da auto-congratulação tranquila movem-se rápido demais. A consumação está sempre no futuro, e os objetivos perdem sua atração e potencial de satisfação no momento de sua realização, se não antes. Ser moderno significa estar sempre à frente de si mesmo, num estado de constante transgressão [...]; também significa ter uma identidade que só pode existir como projeto não-realizado.

Na atual forma de modernidade – a líquida –, perde-se gradativamente a antiga ilusão moderna de alcance de um estado de coisas aprimorados e satisfatórios para a existência humana. Se antes o gerenciamento da sociedade era propiciado pela razão, vista como um guia da humanidade a gerar soluções coletivas, agora o indivíduo é quem

deve administrar, por sua conta e risco, muito do que antes era tarefa de instituições. Ao invés de se definir como comunidade, nação, partido etc., o indivíduo se define como uma identidade, na qual nada se herda, mas se tem de criar do zero e pior: a que tem de se redefinir constantemente. O que é bom ou ruim muda muitas vezes durante a vida.

Em diversas oportunidades Bauman lembra do diagnóstico de Freud acerca do mal-estar na civilização⁷, quando afirmava que o problema daquela época (primeiras décadas do século XX) foi a entrega de muita liberdade em prol da segurança. E conjectura que se Freud estivesse vivo, ele provavelmente manteria que toda civilização pressupõe uma troca, mas seu diagnóstico seria o oposto. Entregamos demais a nossa segurança em prol da liberdade.

Na sociedade líquida podemos ter muito mais liberdade ao custo de não termos segurança e proteção. O estado, cada vez mais sem poder, consegue oferecer cada vez menos ao cidadão, agora transformado em um indivíduo que tenta a todo custo construir uma identidade. Diz Bauman (2007a, p. 47):

A liberdade das pessoas em busca de identidade é parecida com a de um ciclista; a penalidade por parar de pedalar é cair, e deve-se continuar pedalando apenas para manter a postura ereta. A necessidade de continuar na labuta é um destino sem escolha, já que a alternativa é apavorante demais para ser considerada.

Bauman (2001, p. 39-40) aponta para a mudança de significado da expressão “individualização”, que há um século, tinha conotação diversa porque empregada em contexto da “exaltada ‘emancipação’ do homem da trama estreita da dependência, da vigilância e da imposição comunitárias”. Mas tanto na sociedade sólida quanto na líquida, a individualização não é uma escolha, é uma fatalidade e o abismo que existe “entre a individualidade como fatalidade e a individualidade como capacidade realista e prática de autoafirmação está aumentando” (BAUMAN, 2001, p. 43).

É interessante notar como Bauman discute a mudança de significado dos termos na passagem da sociedade sólida para a sociedade líquida. Em diversas passagens de sua obra ele falou sobre o conceito de “formação”, recorrendo a Werner Jaeger, que estudou o sistema de educação dos gregos, denominado “Paideia”. Bauman (2011) comenta que, nesse sistema, a educação se dava em uma ordem imutável, permeada de leis eternas que regiam a natureza humana, apesar de todas as vicissitudes da experiência. Sob essa premissa, era necessário e útil a transmissão de conhecimento dos professores para os

⁷ Ver, por exemplo, Bauman (2008b, p. 57; 1999, p. 260).

alunos, de modo que os primeiros dispunham de uma autoconfiança de que o conteúdo transmitido teria durabilidade e poderia ser repassado pelos seus alunos a outras gerações. A noção de Paideia, pensada como uma educação para a vida inteira, segundo Bauman (2009, p. 671), depois de mais de dois mil anos, transformou-se e passou de oxímoro “(contradição dos termos) em pleonasma (do tipo ‘manteiga amanteigada’, ‘ferro metálico’...)”.

Em entrevista concedida em 2005⁸, Bauman afirma que essa mudança teria ocorrido nos último dez anos em virtude do impacto de alterações constantes em toda a esfera social. Se em todo o âmbito da existência humana se tornou líquida, no sentido de que nada é feito para durar, por “qual motivo, então” indaga Bauman (2009, p. 663) – “a ‘bagagem de conhecimentos’ construída nos bancos da escola, na universidade, deveria ser excluída dessa lei universal?”

A busca por algo sempre novo, sem continuidade, sem vínculos permanentes, tem excluído a possibilidade de se pensar sobre um “projeto de uma vocação para a vida toda” (BAUMAN, 2001, p. 162). Ele recorda do aconselhamento de Sartre aos jovens de seu tempo sobre a necessidade de ter um projeto na vida⁹, decidir o que se quer ser e, daí, implementar o plano passo a passo para a execução desse projeto. Ter um projeto de vida não só seria a expressão, mas também a “‘essência’ do indivíduo humano” (Bauman, 2008b, p. 289). Pensar hoje em um projeto de vida, no sentido de se constituir como uma entidade fixa, é, diz Bauman (2004a, p. 322), “uma decisão de certo modo suicida”. Pensar em um projeto para alguns anos é difícil, que se dirá para uma vida inteira. O que temos agora são episódios, estágios de vida – um que dá lugar a outro¹⁰.

Poderíamos nos perguntar ainda: Como gerenciar, hoje, o que disse Weber, há mais de cem anos, em “A ciência como vocação” de que somente aquele “que se coloca pura e simplesmente a serviço de sua causa possui, [...], ‘personalidade’”? (WEBER, 2016, p. 31). Diz Bauman:

Escrevendo no começo do século XX, Max Weber sugeriu que "a racionalidade instrumental" é o principal fator que regula o comportamento humano na era da modernidade - talvez o único que poderá emergir intacto da batalha das forças motivacionais. A questão dos fins parecia então ter sido estabelecida, e a tarefa remanescente de homens e mulheres modernos era selecionar os melhores meios para os fins. Podia-se dizer que a incerteza quanto à relativa eficiência dos

⁸ Publicada em Português em Bauman (2009).

⁹ Ver ainda Bauman (2004b, 2007a, p. 43; 2009).

¹⁰ Sobre um projeto de vida, ainda Bauman (2007a, p. 43; 2009, p. 667).

meios e sua disponibilidade seria, enquanto a proposição de Weber permanecesse verdadeira, a principal fonte de insegurança e ansiedade características da vida moderna. Acredito, no entanto, fosse ou não correta a visão de Weber no começo do século XX, que sua verdade evaporou, gradual, mas incessantemente, enquanto o século caminhava para seu final. (BAUMAN, 2008b, p. 186)

O século XX caracterizou-se pela superprodução de meios em uma cadeia acelerada, de modo a atingir as necessidades conhecidas. Assim, atualmente, não são mais os meios a principal fonte de insegurança, mas os próprios fins, que se tornaram incertos, difusos, e diluídos e, por isso, “a mais profusa fonte de ansiedade, o grande desconhecido” da vida humana (BAUMAN, 2008b, p. 186).

Diferentemente de há um século, não é somente necessário unir paixão, determinação, força ou o que quer que seja para, por meio de tentativas e erros, trilhar um caminho longo que se antevê adiante, empreender uma vocação. A tarefa agora, diz Bauman (2008b, p. 187) “é escolher o desvio menos arriscado na encruzilhada mais próxima e mudar de direção antes que a estrada à frente se torne intransitável, ou que o funcionamento da estrada seja reprojetoado, ou que o destino escolhido seja movido para outro lado ou perca o brilho”. A dificuldade no século XXI não é somente a de se obter uma identidade escolhida e se tornar reconhecida por ela, mas a própria escolha; é o que escolher e como permanecer alerta para a necessidade de outra escolha, caso a identidade escolhida se torne obsoleta. Se, em tempos de instituições e valores sólidos, a preocupação era encontrar um lugar, e uma vez encontrado, nele permanecer com algum êxito, a preocupação de agora é a de que a posição recém conquistada seja logo diluída.

A especialização que Weber identificou como um desafio nas primeiras décadas do século XX, prospera de maneira galopante, segundo Bauman (1999, p. 231), devido à habilidade de atomizar, dividir “o sistema natural numa crescente multiplicidade de tarefas cada vez menores, e portanto, mais controláveis”. O progresso do conhecimento e a conseqüente prática especializada, têm gerado, no entanto, um aumento do imprevisível e incontrolável no sistema. O esforço por ordenar as coisas gera sempre novas barreiras e a solução delas, nova exigência de especialização. Diz Bauman (1999, p. 231):

A maioria das inovações em especialização e tecnologia “direcionada” de produção especializada visa reparar danos causados por tecnologias e especializações mais antigas. O dano causado pela especialização só pode ser reparado por mais especialização. Mais especialização

significa, por sua vez, mais danos ainda e um aumento da demanda de cura especializada.

A chegada dos sistemas computacionais deu novo impulso à antiga propensão da especialização orientada tecnicamente e a acelerou “numa escala sem precedentes e até então inconcebível” (BAUMAN, 1999, p. 242). Neste contexto, o processo de educação ou formação na atualidade requer a admissão de uma crise, não somente no sentido (parecido com a de outras crises na história) de tornar patente a necessidade da revisão de práticas e estratégias pedagógicas e a adequação delas ao conjunto de novas condições sociais. Bauman (2011)¹¹ argumenta que a própria essência da noção de ensino e aprendizagem, formada ao longo da história da civilização, foi colocada em xeque, no sentido de que as suas características e pressupostos essenciais, nunca antes depreciadas, mesmo frente à necessidade de adequações, agora perdem seu caráter de durabilidade e permanência.

Antigamente, era usual o argumento, em prol da educação, de que a cultura adquirida era uma aquisição valiosa que não podia ser retirada por ninguém, a nenhum tempo, de nós. Esse argumento, que teve seu valor persuasivo por muito tempo, tornou-se obsoleto, para não dizer horripilante, num mundo no qual os compromissos com situações duradouras tendem a ser evitados. Se antigamente um diploma universitário oferecia garantia para a prática de uma profissão até a aposentadoria, hoje o conhecimento precisa ser renovado e as profissões precisam ser alteradas. Neste sentido, no mundo líquido moderno, a educação deve ocorrer durante toda a vida. “Nenhum outro tipo de educação e/ou aprendizagem é concebível; a ‘formação’ do próprio eu, ou da personalidade, é impensável de qualquer outro modo que não seja aquele contínuo e perpetuamente incompleto” (BAUMAN, 2009, p. 673-674).

Além disso, questiona Bauman: se o conhecimento sempre foi valorizado como uma representação em conformidade com o que o mundo é, como lidar com a perspectiva de que o mundo pode mudar de modo a desafiar continuamente a verdade do que se conhece como verdade até mesmo para as pessoas mais informadas? E, a propósito, como lidar com o conteúdo crescente e renovador informações novas a todo instante?

¹¹ Das 44 Cartas do mundo líquido moderno, três (as de nº 23 a 25) indagam: “O mundo é inóspito à educação?”

Em entrevista realizada em 2015, por Alberto Dines¹², Bauman fala sobre a mudança de perspectiva frente à possibilidade de conhecimento no mundo. Se antes, para resolver problemas e lidar com diferentes situações, o contratempo era a inexistência do conhecimento correto, a falta de pesquisa e de recursos para a pesquisa, no mundo líquido moderno, é o oposto: o problema é o excesso de conhecimento, gerado muito mais rápido do que a nossa capacidade cerebral de absorver. Os meios eletrônicos tornaram possível a disponibilização de muito conteúdo sobre qualquer tipo de conhecimento que se queira obter, antes disponível apenas em prateleiras de bibliotecas. O dilema agora é como gerenciar tantos meios, tantas fontes, sem nos sentirmos ansiosos e humilhados na convicção de não darmos conta de tudo a que temos acesso. O Google é a maior biblioteca que temos, diz ele – não de livros, mas de trechos, citações, partes desconectadas e acessadas rapidamente. E ainda que seja possível acessar livros e grandes tratados em bibliotecas virtuais, sofremos com a falta de paciência e atenção, efeitos colaterais dos meios eletrônicos.

Há cerca de uma década, Bauman (2011) afirmou que ainda era preciso aprender a viver em um mundo saturado de informações e enfrentar o desafio difícil, mas fascinante de preparar seres humanos para esta vida, num contexto de crescentes mudanças nas formações profissionais e acadêmicas, devidas, sobretudo, ao incessante avanço da tecnologia. No atual contexto, espera-se urgentemente que a sociologia da informação nos prive das informações de que não necessitamos.

Bauman, que faleceu em 2017, não viveu para comentar a nossa atual situação de confinamento, causada pela pandemia do Covid-19. A mudança que experimentávamos crescentemente no mundo a que ele chamou “líquido” condensou-se de tal maneira que perdemos todo e qualquer discernimento de graduação que a mudança ainda podia conter. Subitamente, vimo-nos em casa, bombardeados de informações por todos os lados, tendo de responder às demandas por meios eletrônicos e lidar com todos os meios e ferramentas disponíveis para aumentar, de vez, a liquidez de nossos laços. Nosso ambiente de estudo, de trabalho, de lazer confunde-se difusamente; as delimitações do tempo na “rotina”, que ainda podíamos assim designar, perdem-se num tempo ainda mais sem referência ao espaço.

Se a educação à distância vinha ganhando espaço gradativamente, professores e alunos foram agora, todos, sem exceção, distanciados – de seus lugares, de seus amigos,

¹² Ver <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/oitv/entrevista-com-zygmunt-bauman/>

das práticas usuais. Nossos ambientes hoje se convertem em um único ambiente: o virtual. E enquanto muitos correm atrás do conhecimento e manejo de ferramentas eletrônicas pedagógicas, que já estavam disponíveis antes do isolamento social e que exigem aparelhos em pleno funcionamento, muitos se empenham na criação de tantas outras ferramentas a exigir outros novos e mais sofisticados aparelhos. A liquidez, identificada e vivenciada por Bauman, ganhou proporções dignas de comparações com as mais assustadoras distopias.

Como Weber, que foi convidado a aconselhar os jovens de seu tempo, Bauman, como já afirmado, dirigiu-se aos jovens. Em uma vez, quando solicitado a dar-lhes conselhos afirmou:

Gostaria que tentassem, apesar de tudo [...], apesar de todas as tendências em contrário e de todas as pressões de fora, reter na consciência e na memória o valor da durabilidade, da constância, do compromisso. Eles não podem mais contar, como a antiga geração, com a natureza permanente do mundo lá fora, com a durabilidade das instituições que tinham antes toda a probabilidade de sobreviver aos indivíduos. Isso não é mais possível e, na verdade, a vida humana individual, apesar de ser muito curta, abominavelmente curta, é a única entidade da sociedade de agora que tem sua longevidade aumentada. Sim, somente a vida humana individual vê crescer sua durabilidade, enquanto a vida de todas as outras entidades sociais que a rodeiam – instituições, ideias, movimentos políticos – é cada vez mais curta. Assim, o único sentido duradouro, o único significado que tem chance de deixar traços, rastros no mundo, de acrescentar algo ao mundo exterior, deve ser fruto de seu próprio esforço e trabalho. Os jovens podem contar unicamente com eles próprios e só haverá em suas vidas o sentido e a relevância que forem capazes de lhes dar. Sei que essa é uma tarefa muito difícil... mas é a única coisa que posso lhes dizer (BAUMAN, 2004a, p. 324-325).

O valor do esforço e do trabalho, agora mais do que nunca, requer foco na durabilidade e na constância, porque “educação e imediatismo são termos contraditórios” (BAUMAN, 2016)¹³. Uma educação com qualidade exige uma continuidade que é incompatível com o domínio da informação fragmentada. Entre periódicos confiáveis (revisados, avaliados), biblioteca virtuais (onde o número de e-books crescem continuamente) e o turbilhão de informações desconectadas que destroem o pensamento linear, é necessário muito compromisso e determinação.

¹³ Em entrevista a Marcelo Lins, disponível em <https://www.conjur.com.br/2016-jan-01/zygmunt-bauman-neste-seculo-estamos-num-estado-interregno>

Considerações finais

Ao se observar as condições externas do indivíduo na contemporaneidade líquida, utilizando a tática weberiana, é pertinente reconhecer que as mediocridades de hoje foram legadas de há um século. Do mesmo modo, seguindo Weber, a análise das condições internas para o indivíduo no século XXI indicam a herança, ainda germinal no século passado, de um cenário que foi sendo desfigurado, fragmentado, tecnificado, individualizado e fluido.

Weber e Bauman recorreram à literatura para explicitar aspectos de nossa condição moderna. A obra *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino contém, para Bauman, configurações de muitos aspectos do cenário moderno-líquido. Se tomarmos o termo “cenário” em sua primeira acepção, podemos também construir uma metáfora. Referimo-nos a “cenário” como o espaço empregado para as apresentações teatrais. No cenário metafórico, os artistas não convivem com o mesmo dramaturgo e o mesmo diretor na construção da obra cultural e o cenógrafo sempre tem novas ideias, que são transmitidas aos trabalhadores da carpintaria cênica, que também se confundem com os contrarregras, os sonoplastas, os iluminadores, os maquiadores, pois, afinal, as ocupações são fluidas. Os materiais, equipamentos e aparelhos empregados por esses técnicos renovam-se diariamente, exigindo imensuráveis horas de ensaios para adequação e testagens. Com isso, a estreia parece nunca chegar. O sintoma é que não há espetáculo algum a se exhibir. No entanto, embriagados e apaixonados os atores empenham-se em decorar trechos, sempre adaptados, de Shakespeare, recebidos paulatinamente em mensagens de WhatsApp. Um novo mundo no qual os espetáculos são adiados indefinidamente... este é nosso cenário!

Neste trabalho buscamos discutir as ideias dos teóricos que apontaram o “desencantamento do mundo” e o “mundo líquido”. Weber e Bauman, mesmo que em tempos e contextos sociais distintos, proporcionam um diagnóstico da situação em que viveram e contribuem para a compreensão das mudanças advindas com o desenvolvimento científico-tecnológico.

Alguns de seus intérpretes detectaram em suas visões um certo pessimismo em relação ao futuro¹⁴ e uma atitude moralista¹⁵. A nosso ver, pela análise empreendida para

¹⁴ Ver, por exemplo, Bauman (2004a, p. 324; 2016).

¹⁵ Bauman (2004a, p. 307), quando indagado se sua sociologia era de tipo moralista, respondeu que era um moralista no sentido de estar compromissado com as ações humanas no ambiente social em um planeta

a elaboração deste trabalho, as duas visões não ignoram a peculiaridade e a complexidade das situações sobre as quais se referem senão como um estágio inexorável da humanidade.

As colocações entusiasmadas de Weber direcionadas à juventude de seu tempo guardam o frescor do sonho, que talvez, para muitos, seja cada vez mais quimérico, o da vocação, entendida como um dom a que se possa (ou deva) empreender. A dedicação a um objeto de estudo, em um mundo cada vez mais especializado, exigia antolhos. Weber estava certo quando afirmou que a especialização, consequência inevitável do avanço científico, tendia a crescer cada vez mais. Hoje, não só precisamos de antolhos, mas também de lupas.

Neste ano do centenário da morte de Weber, suas ideias permanecem significativas para pensarmos sobre as condições de vida e sobre as capacidades dos indivíduos e favorecem a compreensão da mudança de um estado sólido de vida para um líquido, como estabeleceu Bauman. Como Weber, Bauman questionou o estado das capacidades individuais face às condições dadas em comparação com um passado remoto e suas perspectivas se confluem na medida que indicam que não é possível afirmar que conhecemos mais nossas ferramentas do que alguém que viveu séculos antes de nós, apesar das possibilidades objetivas de conhecimento se tornarem cada vez mais crescentes. Como Weber, Bauman discorreu sobre o caráter efêmero dos feitos e realizações na sociedade moderna e sobre a dificuldade de se angariar a possibilidade de satisfação.

A comparação entre aspectos de suas análises sobre a modernidade sugere uma confluência que delineaia características da vida moderna. As diferenças em aspectos aqui mencionados são antes de grau que de natureza, já que o mundo líquido comporta grau elevado de especialização, racionalização, advindos do progresso científico-tecnológico. Por outro lado, as condições externas do contexto social são bastante diversas em Weber. Bauman contrasta essas condições em seu empreendimento de análise da sociedade contemporânea, na qual falar de uma vocação profissional tende a soar cada vez mais anacrônico.

Alguns intérpretes de Weber consideram que o discurso de sua conferência destoa do conjunto de sua obra, dirigida a sociólogos. Sob essa análise, em *A ciência como vocação*, Weber teria falado diretamente para os ouvintes leigos. Bauman relata que desde o fim da década de 90 teria deixado de escrever para os sociólogos e passado a escrever

“abarrotado e intercomunicado”. O que cada um faz em seu ambiente social têm repercussão ética, tem impacto sobre as outras pessoas.

diretamente para as pessoas, sem intermediários¹⁶. Como leitores de *A ciência como vocação* e de alguns textos de Bauman, acreditamos que suas “falas” são dirigidas a todos nós, sociólogos ou não, e possibilitam pensar a nossa condição no mundo desencantado e líquido. Seus escritos potencializam a urgência da tentativa de resgatar o tanto de humanidade que temos perdido.

Referências

- BAUMAN, Z. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. Entrevista com Zigmunt Bauman. Entrevista concedida a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. *Tempo social*, v.16, n.1, 2004a.
- _____. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004b.
- _____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007a.
- _____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007b.
- _____. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a.
- _____. *A sociedade individualizada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008b.
- _____. Entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. Entrevista concedida a Alba Porcheddu. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), v. 39, n. 137, 2009.
- _____. O mundo é inóspito à educação? (1), (2) e (3). In: *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. Diálogos com Zygmunt Bauman. Entrevista concedida a Alberto Dines para a CPFL Cultura e o Seminário Fronteiras do Pensamento, 2015. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/oitv/entrevista-com-zygmunt-bauman/> Acesso em: 15 de mar. de 2020.
- _____. Diálogos com Zygmunt Bauman. Entrevista concedida a Marcelo Lins para o programa Milênio, 2016. Disponível em <https://www.conjur.com.br/2016-jan-01/zygmunt-bauman-neste-seculo-estamos-num-estado-interregno>. Acesso em: 17 de mar. De 2020.
- Debate: Max Weber e o projeto da modernidade. Um debate com Dieter Henrich, Claus Offe e Wolfgang Schluchter. *Lua nova: revista de cultura e política*, 22, 1990.
- ROSSI, P. Introdução: O processo de Galileu no século XX. In: *A ciência e filosofia dos modernos*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- SCHLUCHTER, W. O Desencantamento do mundo. Seis estudos sobre Max Weber. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.
- WEBER, M. A ciência como vocação. In: *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2011.

Recebido em: 17/06/2020

Aprovado em: 31/06/2020

¹⁶ Em uma entrevista, Bauman (2015) afirma que a tarefa da sociologia é a de detectar problemas e orientar os gerenciadores da sociedade. Em um mundo líquido em que os gerenciadores não querem mais gerenciar, é necessário se dirigir aos indivíduos que agem por sua própria conta e risco.